

Os símbolos dos últimos caçadores-coletores do centro de Portugal: as representações de cervídeos na arte rupestre do vale do Tejo

*The symbols of the last hunter-gatherers of central Portugal:
the representations of deer in the rock art of the Tagus valley*

Sara Garcês*

Palavras-chave:
Tejo
Cervídeos
Caçadores-recoletores

Resumo: Ao longo da história da Humanidade, partindo de uma perspetiva ecológica que integra os grupos de humanos como apenas mais uma espécie na natureza, todos os grupos de caçadores-recoletores parecem ter mantido uma relação especial com algum tipo de animal. Na arte rupestre europeia, esta relação é muito mais evidente em cronologias paleolíticas, no entanto, cremos que os conceitos básicos destinados a unir o mundo real com o mundo hiperfísico reconhecido nos caçadores-recoletores do paleolítico através da representação de animais, signos e (poucas) figuras humanas, não foi abandonada nos primeiros milénios do Holocénico. Supõe-se que estas crenças acumuladas durante o Paleolítico Superior, não desapareceram de um dia para o outro. Os animais não só resolviam uma questão económica, como tiveram um papel muito mais complexo no seio das comunidades de caçadores-recoletores. Este trabalho pretende dar a conhecer a relação intrínseca que parece surgir entre os últimos caçadores-recoletores do Holocénico do Vale do Tejo, centro de Portugal, e os cervídeos.

Keywords:
Tagus
Deer
Hunter-gatherers

Abstract: Throughout human history, from an ecological perspective that integrates groups of humans as just another species in nature, all hunter-gatherer groups seem to have maintained a special relationship with some kind of animal. In European rock art, this relationship is much more evident in Palaeolithic chronologies, however, we believe that the basic concepts intended to unite the real world with the hyper-physical world recognized in Palaeolithic hunter-gatherers through the representation of animals, signs and (few) human figures, was not abandoned in the first millennia of the Holocene. It is assumed that these beliefs, accumulated during the Upper Palaeolithic, did not disappear overnight. Animals not only solved an economic issue, but also played a much more complex role within the hunter-gatherer communities. This paper intends to show the intrinsic relationship that seems to arise between the last hunter-gatherers of the Holocene of the Tagus Valley, central Portugal, and the deer.

Recebido em 22 de julho de 2022. Aprovado em 10 de outubro de 2022.

* Investigadora, Professora Convidada Adjunta (eq.). Instituto Politécnico de Tomar, Portugal, Centro de Geociências, Universidade de Coimbra (u. ID73 – FCT), Instituto Terra e Memória, Mação, Portugal, Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo, Mação. E-mail: saragarces@ipt.pt, saragarces.rockart@gmail.com.

Introdução

Ao longo da história da Humanidade, partindo de uma perspetiva ecológica que integra os grupos de humanos como apenas mais uma espécie na natureza, todos os grupos de caçadores-recolectores mantiveram uma relação especial com algum tipo de animal (MENÉNDEZ FERNÁNDEZ; QUESADA LÓPEZ, 2008). Esta relação é muito mais evidente em cronologias paleolíticas, no entanto, cremos que os conceitos básicos destinados a unir o mundo real com o mundo hiperfísico reconhecido nos caçadores-recolectores do paleolítico através da representação de animais, signos e (poucas) figuras humanas, não foi abandonada nos primeiros milénios do Holocénico. Supõe-se que estas crenças acumuladas durante o Paleolítico Superior, não desapareceram de um dia para o outro. Os animais não só resolviam uma questão económica, mas tiveram um papel muito mais complexo no seio das comunidades de caçadores-recolectores. Concordamos com Viñas Vallverdú e Sánchez de Tagle (2000) quando estes descrevem a intrincada relação que os caçadores-recolectores desenvolveram com os animais. Os caçadores-recolectores conheciam a perfeita anatomia dos animais e estavam familiarizados com a sua etologia, hábitos e costumes. Este conhecimento profundo era fruto da constante e profunda interação que podia ter sido considerada mágica, religiosa, sobrenatural. Cada animal segue um determinado padrão de conduta, que poderia ter sido interpretado de maneira específica e diferente e recriado em manifestações próprias dos caçadores-recolectores. A fauna terá sido o mais rico e complexo sistema explicativo da cosmovisão, do modo particular dos caçadores-recolectores de entender o mundo (VIÑAS VALLVERDÚ; SÁNCHEZ DE TAGLE, 2000).

No Complexo Rupestre do vale do Tejo esse animal é, sem dúvida, o cervídeo. Esta obsessão pode ter uma índole tanto económica como cultural.

Em outros contextos do mundo, como na Serra da Capivara (Piauí, Brasil) (IGNACIO, 2009) algumas características dos sítios sugerem, a dada altura, que as comunidades pré-históricas tiveram

uma relação preferencial ou especial com os cervídeos expressa através de representações sincréticas.

Ainda que se possa argumentar que não existe uma relação direta entre os animais representados e os animais caçados na região do Complexo Rupestre do vale do Tejo, existe uma motivação económica e cultural na presença constante de cervídeos no imaginário dos últimos caçadores-recolectores do Holoceno do vale do Tejo. Apesar da diferença estilística que se vai notando entre os motivos, alguns conjuntos de cervídeos são representados segundo algumas regras bem estabelecidas, o que poderá indicar que a sua importância vai mais além da simples importância económica que estes poderiam representar. O cervídeo na arte rupestre do vale do Tejo pode ter sido utilizado como signo, ou como símbolo. Concordámos com M. Santos Estévez quando afirma:

un ciervo figurado no significa sólo ciervo, también se afirma que tampoco representa lo evidente (animal selvaje, animal de caza, etc.) el arte nunca habla de lo evidente, ya que por definición lo evidente no necesita ser explicado, o en otras palabras, lo esencial es lo que el signo conota y no lo que denota. Tanto el lenguaje como el arte, se utilizan para dar orden y sentido al mundo, es decir, dotarlo de un significado del que en principio carece. Por lo tanto, cuando hablemos de grupos iconográficos o concretamente de una determinada iconografía alusiva, por ejemplo, a la caza, debemos tener presente que este tipo de escena posiblemente posea una conexión metafórica más profunda, a la que solamente nos podremos aproximar parcialmente a través de la escasa información antropológica con la que contamos” (SANTOS ESTÉVEZ, 2004, p. 48).

Argumenta-se que o cervídeo na arte rupestre do Vale do Tejo pode ter sido utilizado como sinal, ou como símbolo das últimas comunidades de caçadores-coletores do Holocénico no centro de Portugal. Porquê? Porque em todo o complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, na arte dos últimos caçadores-recolectores do Holocénico, o imaginário parece ser completamente dominado pela figura do cervídeo.

O complexo de arte rupestre do vale do Tejo

O Complexo de Arte rupestre do Vale do Tejo foi descoberto em Outubro de 1971 por estudantes do chamado "Grupo de Estudo do Paleolítico Português" (SERRÃO *et al.*, 1972a, 1972b). As primeiras gravuras foram descobertas nas margens do rio Tejo perto da freguesia de Fratel (concelho de Vila de Velha de Ródão). Na mesma altura da descoberta, estava a ser construída uma barragem que iria, eventualmente, submergir a maioria das gravuras. A equipa decidiu então documentar todas as painéis o mais depressa possível. Devido à urgência na documentação das gravuras, a equipa decidiu utilizar uma metodologia que passava pela moldagem em látex das superfícies rochosas com gravuras. Este método, que já foi utilizado anteriormente nas gravuras de Tassili n'Ajjer (BREZILLON, 1965) foi considerado, na

altura, rápido e eficaz e foi utilizado durante cerca de dois anos, permitindo a documentação de 1464 rochas (BAPTISTA *et al.*, 1974; QUEROL *et al.*, 1975a, 1975b). Entre o início dos anos 80 e 2010, apenas alguns trabalhos monográficos e uma tese de doutoramento foram realizados sobre o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (BAPTISTA, 1981; GOMES, 1987, 1990, 2001, 2004, 2007, 2010). Recentemente, uma tese de doutoramento permitiu a compilação do catálogo mais completo de arte rupestre do Vale do Tejo, envolvendo a documentação de 12 sítios de arte rupestre com 1636 rochas com um total de ~7000 figuras. Este trabalho foi possível devido à análise de todo o material bibliográfico disponível no Complexo de Arte Rupestre do Tejo, ao trabalho de campo em três sítios de arte rupestre que ainda têm alguns painéis imersos e ao decalque em 2D de todos os 1464 moldes de látex (GARCÊS, 2017).



Figura 1 – Exemplo de conjunto de moldes e respectivo decalques do sítio de Chão da Velha.

Fotos: Flávio Nuno Joaquim, 2014. Decalques: Sara Garcês, 2016.



Figura 2 – Distribuição dos sítios de arte rupestre do Complexo Rupestre do vale do Tejo, Portugal.

Fonte: Sara Garcês, 2017.

As características físicas de um espaço condicionam de forma determinante o uso e ocupação de um território e os modelos de gestão, desenvolvimento e estruturação (CARVALHO *et al.*, 2006), por isso, para se compreender a área que influencia toda a estruturação do Complexo Rupestre do Tejo, é necessário analisar a área desde o vale do rio Erges até ao vale do rio Ocreza que passam pelos concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Nisa e Mação (onde se situam os núcleos de arte rupestre).

Considera-se a distribuição de sítios do Complexo Rupestre do Vale do Tejo ao longo de cerca de 120 km, desde o vale do rio Erges até à foz do rio Ocreza. Os sítios correspondentes distribuídos em núcleos ao longo do rio Tejo são de montante a jusante: o vale do rio Erges (com pequenos núcleos de rochas espalhados ao longo do rio), rio Ponsul, Cachão de São Simão, Alagadouro, Lomba da Barca, Cachão do Algarve, Ficalho, Fratel, Foz da Ribeira de Nisa, Chão da Velha, Gardete e vale do rio Ocreza (com pequenos núcleos de rochas gravadas espalhados ao longo dos últimos 4km do vale). O conjunto apresenta um total de ~7000 gravuras em 1636 rochas de xisto. De referir que sobre o rio Sever, um afluente da margem esquerda do rio Tejo que separa o Alto Alentejo da Província

de Cáceres, foram recentemente descobertas gravuras rupestres de cronologia mais recente associadas a estruturas de moinhos (GARCÊS, 2020) (ver mapa Figura 2).

Na área denominada por Alto Ribatejo, um território cujo esqueleto é constituído pela bacia hidrográfica do Tejo (nela se incluindo o rio Zêzere, o Nabão, o Almonda, o Alviela, e o Ocreza) concentram-se os sítios de ocupação humana que permitem contextualizar arqueologicamente a arte rupestre do vale do Tejo. Os limites do Alto Ribatejo decorrem da relação do povoamento humano com o próprio território, mais do que físicas, as fronteiras do Alto Ribatejo são humanas e comportamentais (OOSTERBEEK *et al.*, 2010).

Recentemente Garcês (2017), foi concebida uma nova hipótese cronológica para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo tendo em conta a contemporaneidade das gravuras com sítios de arte esquemática pintada e monumentos megalíticos e a sobreposição de motivos. Para este quadro cronológico, também se compararam sítios, materiais e contextos arqueológicos, principalmente no contexto da Península Ibérica. A estrutura cronológica proposta para o Tejo determina três fases cronológicas importantes e diferentes, com ênfase na fase paleolítica (até recentemente

considerando a existência de apenas uma figura mas com a descoberta de mais gravuras no ano de 2021), uma fase pré-esquemática (período Mesolítico – últimos caçadores-recoletores do Holocénico) e a fase esquemática (com o maior número de figuras - 96,24% - e abrangendo as figuras do Neolítico, Calcolítico e da Idade do Bronze peninsular). Embora a definição de uma fase pré-esquemática de cronologia Mesolítica não seja nova (GOMES;

CARDOSO, 1989; GOMES, 2007, 2010) a definição deste período como o início da ocupação dos sítios de arte rupestre das últimas comunidades de caçadores-coletores no Tejo é a novidade. E é nesta segunda fase de gravação que o cervídeo é utilizado como tema dominante, uma espécie de imagem-totem destas últimas comunidades de caçadores-coletores do Holocénico português.

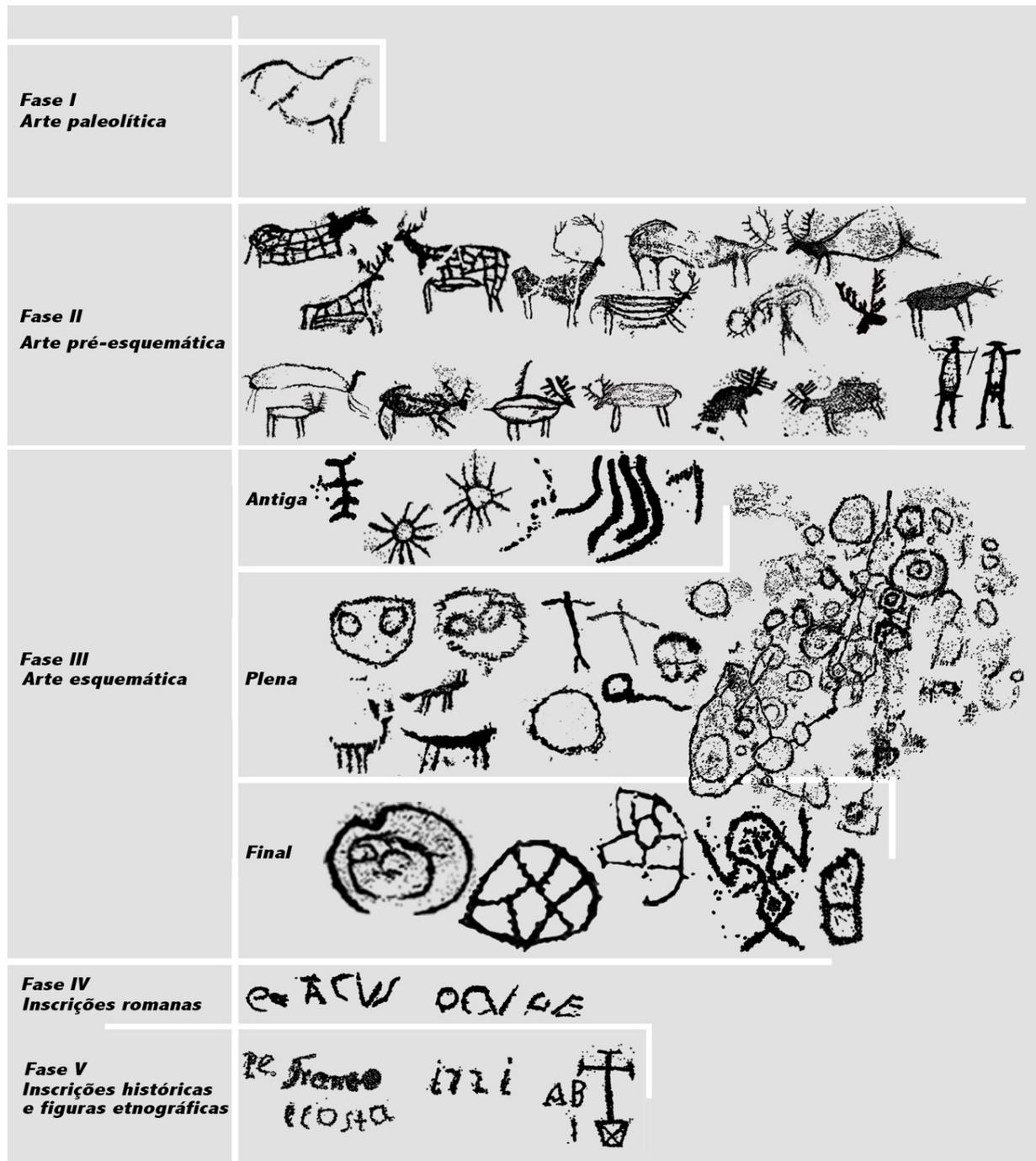


Figura 3 – Proposta cronológica para o Complexo de Arte rupestre do Tejo.

Fonte: Garcês (2017).

As comunidades de caçadores-recolectores, dotadas de um padrão de subsistência, economia e assentamento móveis, não estavam fixadas a um espaço específico estabelecendo-se o que F. Criado Boado (1993) define por “apropriação da natureza”, neste caso uma apropriação simbólica desta. Segundo alguns autores (INGOLD, 1986 *apud* CRIADO BOADO, 1993) este processo cultural efetua-se através da demarcação simbólica de lugares pontuais, normalmente, marcos, signos naturais que se destacam na paisagem (tais como rochas, afloramentos, espaços ou pontos naturais cujo privilégio e especificidade está em estreita relação com as suas características e impacto visual) e de linhas de movimento através do espaço que, estando prefiguradas pela topografia, são utilizadas, comumente pelos animais selvagens e apropriadas pelo homem para as suas próprias deslocações. Vai também de encontro ao que M. Eliade (1999) defende quando afirma que “(...) o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer, sem uma orientação prévia – e toda a orientação implica a aquisição de um ponto fixo. (...) a descoberta ou projeção de um ponto fixo – o centro – equivale à criação do Mundo” (ELIADE, 1999, p. 36).

Defendemos que a distribuição geográfica dos sítios do Complexo Rupestre do Tejo esteja intrinsecamente associada ao monumento geológico Portas do Ródão, naquilo que M. Santos Estévez (2004) descreve como “vinculação a monumentos selvagens” e que acontece recorrentemente em sítios com grande concentração de arte rupestre como são exemplos os sítios de Valcamonica (Lombardia, Itália) ou Mont Bego (Sudoeste de França) e até em sítios de arte rupestre da Galiza como Monte Louro (Muros), O Pedroso (Santiago), Coto do Inferno (Tourón), Monte Castelo (Cangas do Morrazo), Monte Penide (Redondela), Monte da Guía (Vigo), Monteferro (Nigrán), Serra do Galiñeiro (Gondomar), Santa Tegra (A Guarda) ou em A Zarra (Amoeiro). É comum sítios de grandes concentrações de arte rupestre se apresentarem geograficamente localizados e vinculados a grandes formações naturais que se destacam na paisagem e que em diversas etapas da Pré-História e Proto-História poderia ter servido, em grande medida, para dotar o território de significado

(SANTOS ESTÉVEZ, 2004, p. 165). A apropriação do espaço seria através das manifestações artísticas materializadas em pinturas e/ou gravuras rupestres. Concordamos com M. Santos Estévez quando defende que a arte rupestre apareceria como resposta de certas sociedades itinerantes à necessidade de definir o seu território, o seu direito sobre ele, sobretudo em zonas de ecologia diversificada, as gravuras funcionariam como um sistema de apropriação de espaço (SANTOS ESTÉVEZ, 2004, p. 27). Esse espaço, seria na mesma um espaço aberto onde não se introduziram barreiras sociais físicas nem um padrão de territorialidade (no sentido restrito) permanente e estável. A apropriação social do território, realizar-se-ia de forma ambulante, através da superfície do terreno e seguindo um domínio visual entre pontos concretos (CRIADO BOADO, 1993). Esta noção de apropriação do terreno, pode ser enquadrada na definição temporal dos núcleos de gravuras do Complexo Rupestre do Tejo onde durante a fase de gravação esquemática, os núcleos de gravação aumentam exponencialmente, ainda que mais ou menos dentro do território definido pelos núcleos já antes delineados com a fase pré-esquemática.

A figura do cervídeo na arte rupestre do Tejo

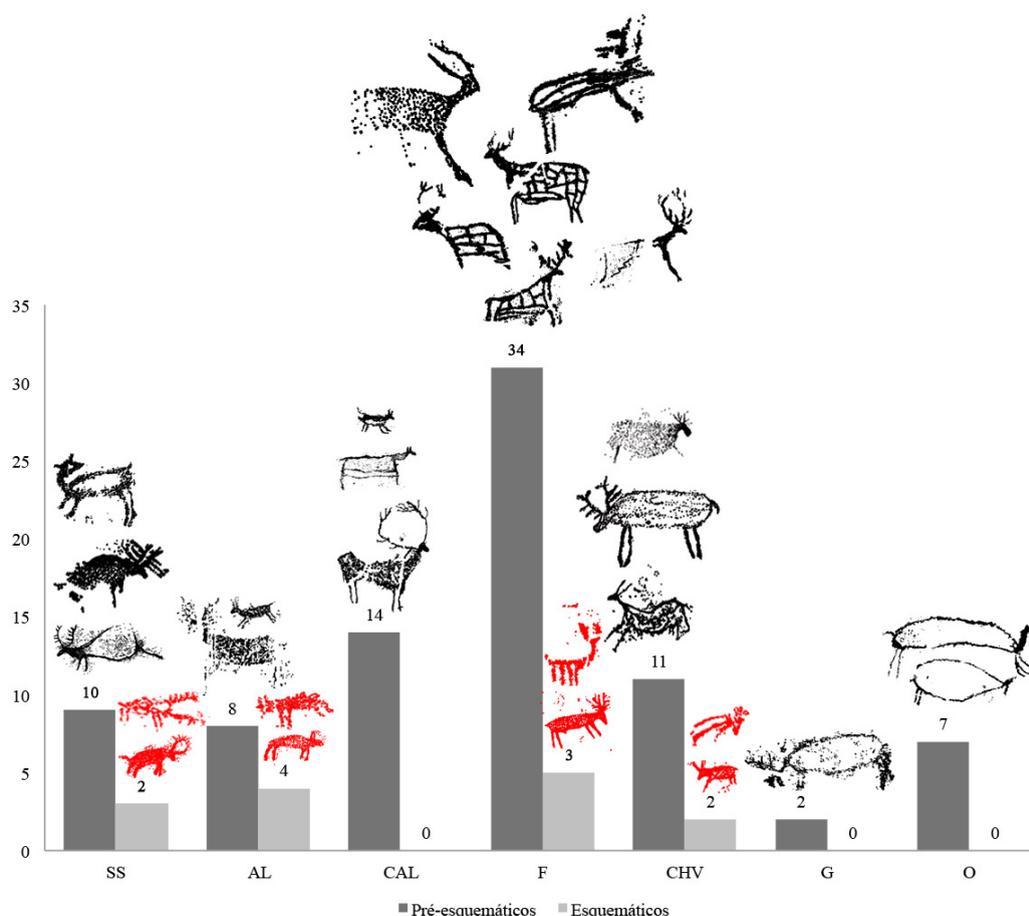
No vale do Tejo as figuras de cervídeos ocorrem em 7 dos 12 núcleos de arte rupestre: Cachão de São Simão, Alagadouro, Cachão do Algarve, Fratel, Chão da Velha, Gardete e Ocreza (mapa 1). Contam-se, no total, 97 figuras de cervídeos distribuídos em 60 rochas que perfazem 29,9% de toda a fauna registada na arte rupestre do Vale do Tejo. No que concerne à fauna pré-esquemática, ou seja, dos últimos caçadores-recolectores do Holocénico, os cervídeos são a maioria com 86 representações, enquanto que na arte esquemática ocorrem em terceiro lugar com 11 representações (7,38%) ficando atrás apenas dos serpentiformes e figuras de animais cuja espécie não se consegue identificar (tabela 1 e gráfico 1).

Tabela 1 – Quantidade e percentagem da fauna esquemática e pré-esquemática no vale do Tejo com ênfase para a percentagem que os cervídeos ocupam na estatística.

Tipologia fauna	Pré-esquemática	%	Esquemático	%
Bovídeo	5	3,38%	1	0,67%
Ave	1	0,68%	4	2,68%
Cabra	17	11,49%	3	2,01%
Cavalo	4	2,70%	3	2,01%
Cobra/Serpentiforme	0	0,00%	100	67,11%
<u>Corço</u>	7	<u>4,73%</u>	2	<u>1,34%</u>
Javali	1	0,68%	0	0,00%
Canídeos	4	2,70%	0	0,00%
Espécie Não Identificada	27	18,24%	21	14,09%
Réptil	1	0,68%	1	0,67%
Urso	0	0,00%	2	1,34%
Lagomorfo (coelhos e lebres)	2	1,35%	0	0,00%
<u>Cervídeos</u>	<u>79</u>	<u>53,38%</u>	<u>2</u>	<u>6,04%</u>
Pectiniformes	0	0,00%	3	2,01%
TOTAL	148	100,00%	149	100,00%

Fonte: Garcês (2017).

Gráfico 1 – Distribuição dos cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e esquemáticos (a vermelho) pelos sete sítios do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza.



Fonte: Garcês (2017).

No vale do Tejo, as figuras de cervídeos estão intimamente ligadas à cronologia Mesolítica, dos últimos caçadores-recoletores do Holocénico. Em outras partes da Europa, os cervídeos também são importantes nesta cronologia: emergem como representação principal nas primeiras fases das representações de Valcamonica no chamado estilo I (SIGARI, 2015; SIGARI; FOSSATI, 2021) e é representado na caverna Ojo Guareña em Burgos com datações diretas de $11\ 540 \pm 100$ BP (CORCHÓN *et al.*, 1996).

A integração de um novo ciclo artístico de arte rupestre denominada “arte pré-esquemática ocidental” ou “Horizonte Pré-Esquemático” de cronologia pré-neolítica vem sendo defendida por autores como H. Collado Giraldo e J. J. García Arranz, na sequência de alguns trabalhos no conjunto de gravuras de Molino Manzániz, no vale do Guadiana e na bacia do rio Tejo, nomeadamente no Parque Nacional de Monfragüe, em Cáceres (COLLADO, 2004, 2006; COLLADO; GARCÍA, 2009, 2012). Neste contexto, ainda que o enquadramento cronológico tenha sido primeiramente problemático, logo ficou claro que as evidências estratigráficas entre as figuras eram recorrentes e apontavam para sobreposições por figuras esquemáticas de representações que, até ao momento, tinham sido identificadas na arte rupestre do vale do Tejo (GOMES; CARDOSO, 1989; GOMES, 2001) e referidas como pertencendo ao primeiro momento cronológico de sociedades produtoras (COLLADO GIRALDO, 2006). Esta designação de arte rupestre “pré-esquemática” englobaria as diversas manifestações artísticas que antecedem a implantação de arte rupestre dos grupos produtores da Península Ibérica.

A arte esquemática inclui não só a cronologia Neolítica, mas também o Calcolítico e a Idade do Bronze peninsular. Portanto, é importante compreender este período cronológico no âmbito do Complexo Rupestre do Tejo talvez não só para ter uma noção de como este período cronológico é diferente do período esquemático, mas também para o definir como o fim de um capítulo da humanidade que durou milhares de anos (Paleolítico e Epipaleolítico/Mesolítico = economia de caçadores/coletores).

Distribuição espacial

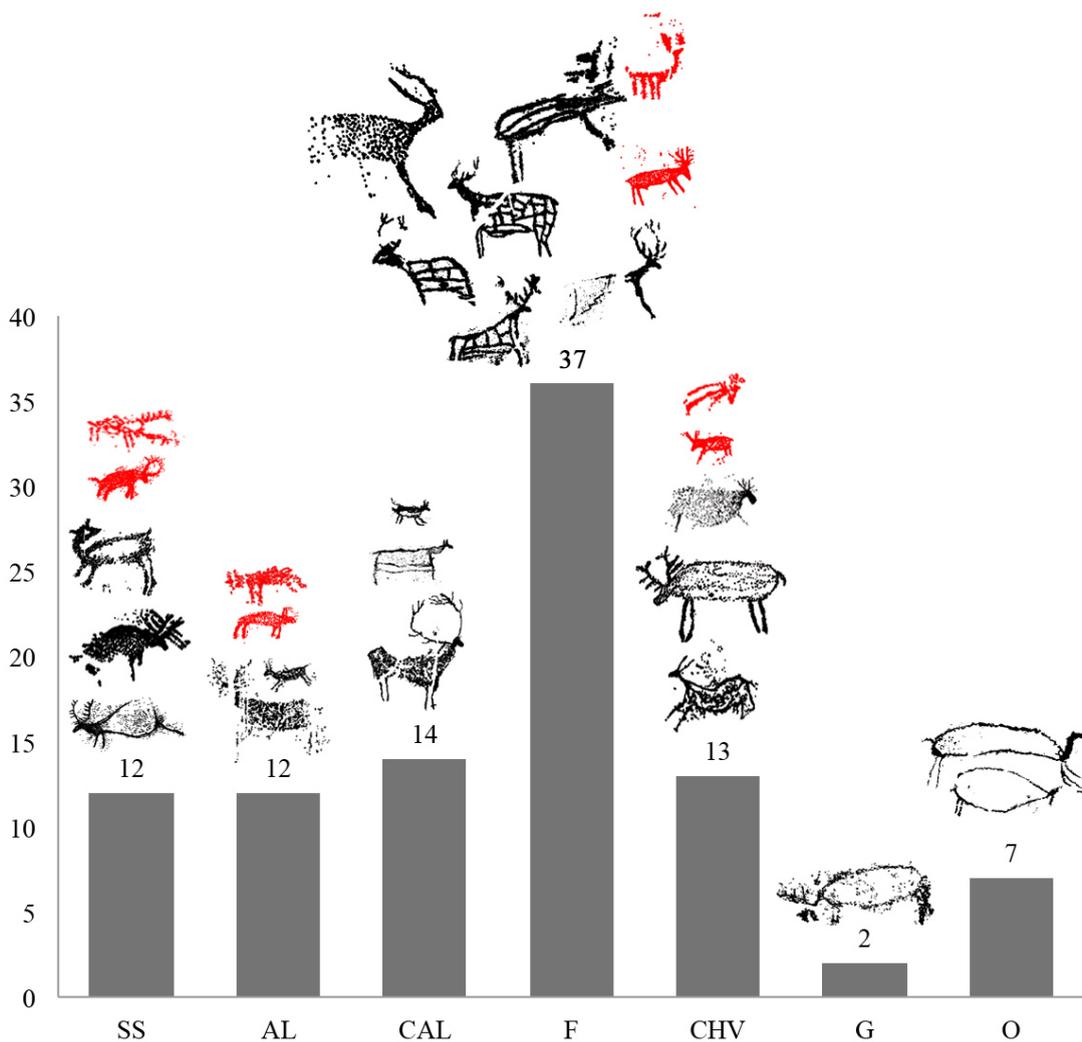
A distribuição das figuras dos cervídeos é bastante regular em sítios como o São Simão, Alagadouro, Cachão do Algarve e Chão da Velha, mas regista-se uma forte presença de cervídeos principalmente no sítio do Fratel. São frequentes as representações de machos solitários (CAL60:1, CHVJ7; G22D M1605:1), em pares (AL60(1) M1119:1,2; CAL4 M521:1,2; F155:11, 12), ou em grupos de machos (como nas rochas F155, F49 e CHVM3E e CHVM3C), em grupos de fêmeas com crias (como na rocha OCR13), machos e fêmeas com flechas espetadas no dorso (CAL56: 1 e F45(3) M1355:1) e até cervídeos mortos como na rocha 158 de São Simão. O núcleo do Fratel detém 38% das figuras de cervídeos registadas no Tejo. Esta percentagem equivale tanto ao maior número de cervídeos esquemáticos como pré-esquemáticos do que qualquer outro núcleo (gráfico 2).

A definição das espécies e do sexo dos cervídeos aqui apresentados decorreu de 3 critérios: a própria fisionomia representada (no caso da representação das hastes dos machos e orelhas das fêmeas), a dinâmica entre figuras de maiores dimensões com figuras de menores dimensões (para se identificar fêmeas com crias) e a etologia dos animais, ou seja, um pouco do critério anterior juntamente com o conhecimento do comportamento dos cervídeos (como no caso da rocha OCR13 e a identificação de um harém de fêmeas, típico comportamento das fêmeas de cervídeos de se juntarem em bandos juntamente com as crias sem que nenhum macho faça parte do grupo). Os machos são os mais fáceis de identificar: a representação das hastes é óbvia e a maneira mais fácil de identificar o macho, daí não acreditarmos que poderão existir representações de machos sem hastes, já que as hastes são o critério mais forte de mostrar o sexo do animal *à priori*. As fêmeas foram identificadas através do conhecimento do comportamento das próprias espécies e pela análise e comparação dos cervídeos que surgem aos pares (nas rochas AL 60¹ M1099, CAL4 M521 e F155). É comum a representação das orelhas das fêmeas dos cervídeos. As crias, foram identificadas um pouco por associação. Foram considerados pelo menos duas espécies de cervídeos na arte rupestre do vale do

Tejo: o veado-vermelho (*Cervus elaphus*) e o corço (*Capreolus capreolus*). Com muitas reservas apontámos uma das representações do sítio do Chão da Velha como sendo um gamo (*Dama dama*) por apresentar as hastes um pouco mais espalmadas. No entanto, no registo arqueológico, os dados apontam para uma presença de gamos em território português apenas a partir da expansão dos romanos (DAVIS;

MACKINNON, 2009), ou seja, numa cronologia bem mais recente do que a que apontámos para as figuras rupestres do Tejo. A definição de 10 figuras como sendo representação de corços teve em conta o tamanho das hastes em relação ao tamanho do corpo do animal e o dinamismo que este apresenta (cujo bom exemplo é o cervídeo AL36(2):1).

Gráfico 2 – Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelos núcleos do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).



Fonte: Garcês (2017).

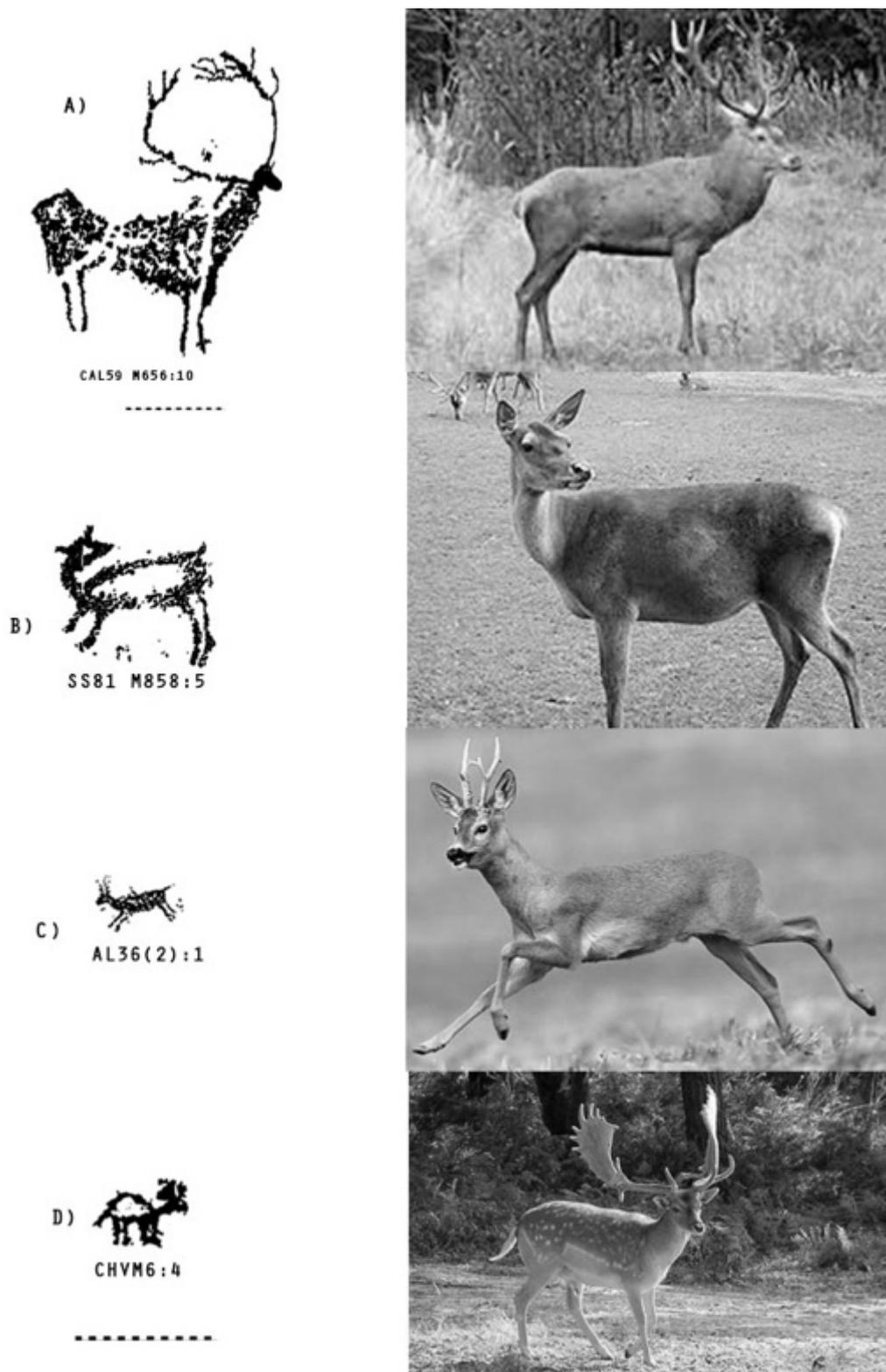


Figura 4 – Exemplo da diferença entre espécies e sexo dos cervídeos do Complexo Rupestre do vale do Tejo: A) veado-vermelho macho (*Cervus elaphus*); B) veado-vermelho fêmea (*Cervus elaphus*); C) Corço (*Capreolus capreolus*); D) Possível Gamo? (*Dama dama*).

Fonte: Garcês (2017).

O cervídeo como símbolo dos últimos caçadores-recolectores do holocénico no centro de Portugal

Mesolítico é o período dos últimos caçadores-colectores na Europa. É definido como começando no final da última Idade do Gelo e terminando com a adoção da agricultura. Segundo alguns autores, o quadro geral é de pequenos grupos de pessoas com alta mobilidade no início deste período, com o aparecimento posterior de grupos maiores e mais sedentários, especialmente na costa. Em suma, o Mesolítico representa um período de adaptação à crescente florestação do continente europeu (STARR, 2005).

No início do Holocénico, as principais espécies identificadas nos contextos arqueológicos do centro de Portugal são os cervídeos, javalis, cabras da montanha, auroques e cavalos, indicativo de um clima temperado (BRUGAL; VALENTE, 2007). A transição Pleistoceno/Holocénico em Portugal acontece em cerca de 10.000BP (c.9500 cal BC) (ARAÚJO, 2009) e apesar de ter sido globalmente identificado através de eventos geológicos e climáticos, é também correspondente a um período de mudança no comportamento humano. Mais de 250 sítios arqueológicos datados do início do Holocénico são hoje conhecidos entre a Estremadura e o Alentejo e os dados recolhidos sugerem um padrão altamente diversificado de tipos e localização de sítios, cronologias, tecnologia e modelos de subsistência (ARAÚJO, 2009; ARAÚJO; ALMEIDA, 2006; CARVALHO, 2007; VALENTE, 2008; BICHO *et al.*, 2010).

Tendo em conta os dados dos contextos arqueológicos do centro de Portugal desde o final do Paleolítico Superior, compreendemos que estes últimos caçadores-recolectores do centro de Portugal viviam segundo um padrão de subsistência muito dependente desta espécie (HOCKETT; HAWS, 2002; BRUGAL; VALENTE, 2007; VALENTE, 2008). A possível pressão acentuada nos recursos naturais destas últimas comunidades de caçadores-recolectores (DAVIS; DETRY, 2013) parece ter instigado (ou ter sido uma consequência de) a importância que se atribuía a esta espécie.

Recentemente, foi observado que, para o Mesolítico de Portugal Central, certos *taxa*

(auroque, cervídeo, javali) terão apresentado uma diminuição de tamanho, tendo recuperado durante o Calcolítico. A explicação que alguns autores (DAVIS; DETRY, 2013) delineiam para este fenómeno, é interessante para a constatação de que realmente o cervídeo teria um papel importante no seio das últimas comunidades de caçadores-recolectores do centro de Portugal. Segundo os autores, anteriormente à introdução dos animais domesticados para a alimentação, o cervídeo, o javali, o auroque, a cabra-selvagem e o cavalo, constituíam a fonte principal de carne em animais de grande porte em Portugal. O período anterior à mudança da caça para a domesticação foi caracterizado por uma pressão mais acentuada nos recursos naturais. A hipótese em discussão prende-se pela possibilidade de a caça excessiva ter provocado a diminuição do tamanho do auroque, cervídeo e javali. No entanto, é difícil perceber como isso poderá ter acontecido. O subsequente retorno a um maior tamanho no Calcolítico (e que talvez já tenha acontecido no Neolítico) e períodos seguintes, poderá ter sido consequência de uma diminuição da pressão cinegética exercida sobre estes animais, porque agora, as pessoas teriam acesso a animais domésticos que lhes providenciavam grande parte da carne que precisavam (DAVIS; DETRY, 2013, p. 300). Os dados faunísticos dos contextos arqueológicos do Centro de Portugal, com cronologias a partir do Neolítico Antigo, parecem corroborar esta hipótese. Segundo os dados arqueobotânicos, no Alto Ribatejo, durante o Mesolítico Final, a paisagem de bosque cede gradualmente lugar a uma outra paisagem cada vez mais aberta que, no Calcolítico pleno, apresenta clareiras arbustivas (ALMEIDA *et al.*, 2014). A excelente capacidade de adaptação que tem o cervídeo, converte-o numa idónea opção para as últimas comunidades de caçadores-recolectores do Holocénico.

Com o início do Neolítico, uma mudança bastante acentuada surge com o aparecimento de animais domésticos nos registos arqueofaunísticos. Os dados parecem indicar para o Neolítico Antigo uma predominância de atividades cinegéticas (de caça), evidente em contextos como o Abrigo Pena D'Água (VALENTE, 1998; CARVALHO; VALENTE; HAWS, 2004) e a Gruta do Caldeirão

(ROWLEY-CONWY, 1992; DAVIS, 2002; ALMEIDA *et al.*, 2014).

No Neolítico Médio parece ocorrer uma mudança para um predomínio da fauna doméstica em detrimento da selvagem, como indicado pelo Abrigo Pena D'Água (VALENTE, 1998; CARVALHO; VALENTE; HAWS, 2004) e pelos dados da Gruta do Cadaval (ALMEIDA *et al.*, 2014).

Parece-nos, de uma forma geral, que os dados faunísticos para as áreas do Alto Ribatejo, Maciço Calcário Estremenho e até, Vale do Tejo, reforçam os dados que foram sendo apresentados em relação à importância da figura do cervídeo numa cronologia pré-esquemática, e na transição para o Neolítico perante as últimas comunidades de caçadores-recoletores.

Assim, de acordo com os resultados arqueológicos, há uma diminuição explícita no registo da grande fauna durante o Mesolítico. Contudo, os cervídeos continuam a ocupar um lugar proeminente em comparação com outras espécies, o que é reforçado pela teoria de que os cervídeos podem ter sofrido uma grande pressão na actividade cinegética que causou a mudança no seu tamanho (DAVIS; DETRY, 2013).

A sua importância entre as comunidades dos últimos caçadores-coletores parece assim ter

aumentado durante o início do Holocénico, talvez porque enfrentam uma mudança drástica nos recursos disponíveis e porque os cervídeos se tornaram no maior animal terrestre passível de ser caçado. A sua importância económica aumenta exponencialmente e só decai quando se começa a praticar a domesticação de animais e plantas. Mas mesmo tendo em conta estes dados, porque é que o cervídeo é o animal mais representado pelos últimos caçadores-coletores? As pessoas que caçam têm geralmente um conhecimento extremamente próximo e íntimo da paisagem e dos seus habitantes de cuja continuidade ou regeneração depende a sua vida (INGOLD, 2000). O papel económico do cervídeo é óbvio tanto pela sua dimensão e abundância, como pela sua adaptabilidade ao longo de milhares de anos, o que lhe tem permitido permanecer constantemente no território. Mas será que a sua importância económica foi a chave de tudo? Era tudo uma questão de subsistência? Segundo alguns autores, a procura de alimentos é considerada como dirigindo e condicionando muitos aspectos do comportamento humano, incluindo a dimensão do grupo e a organização social, padrões de residência e localização de povoamento, fabrico de ferramentas e tecnologia (STARR, 2005).

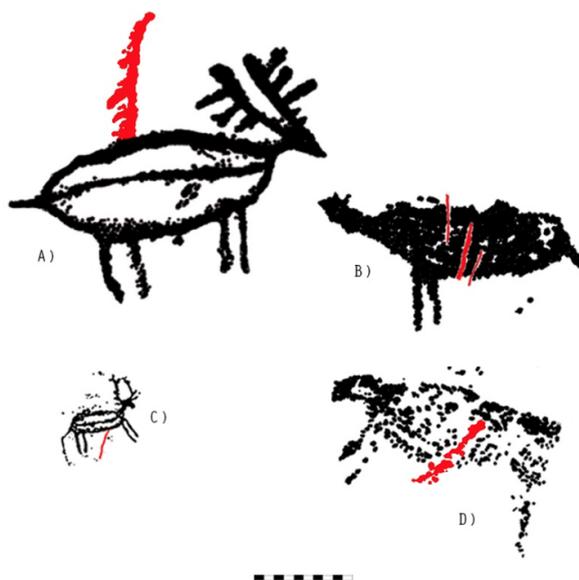


Figura 5 – Representação de armas espetadas em animais pré-esquemáticos: A) CAL56:1&21; B) F45(3) M1355:1&2; C) F49:12&19 e D) SS92:6&12.

Fonte: Garcês (2017).

Sem um registo etnográfico para comparação, podemos apenas obter algumas respostas a partir do registo que temos disponível. Provavelmente nunca conseguiremos estabelecer uma ligação clara entre os cervos e os últimos caçadores-coletores do Holocénico no centro de Portugal. Mas sabemos isto: existem 8 espécies diferentes de animais representados no vale do Tejo durante o que consideramos ser o período de cronologia pré-esquemática (Mesolítico): foram interpretados como sendo bovinos, aves, cabras, cavalos, javalis, possíveis canídeos, répteis, lagomorfos (coelhos ou lebres) e cervídeos (cervídeos ou patos). Independentemente da discussão da sua interpretação, podemos afirmar com confiança que os últimos caçadores-coletores tinham um vasto espectro de possibilidades na caça para além dos cervídeos. De acordo com alguns autores, a dieta dos caçadores-coletores mostrou uma diversificação crescente, incorporando uma maior variedade de animais de grande e pequeno porte, aves, peixes e mariscos. À medida que a floresta se espalhou, os alimentos vegetais tornaram-se mais abundantes e foram incluídos na dieta em quantidades variáveis (STARR, 2005). Mas mesmo assim a representação de cervídeos não podia ser apenas uma questão económica. A julgar pela forma como a caça é representada na arte rupestre do Tejo, é rara a identificação de armas em associação com cervídeos, mas estas existem. Acontece em quatro superfícies rochosas diferentes em três sítios diferentes.

De acordo com alguns autores, a subsistência mesolítica é, de uma forma geral, um comportamento alimentar. A subsistência é examinada principalmente em termos das decisões que os caçadores-coletores tomam sobre quais os animais, e só raramente sobre quais as plantas,

devem comer. Estas decisões são entendidas no quadro da teoria evolutiva, especialmente como formuladas no âmbito da ecologia evolutiva, e a subsistência é vista como estando intimamente ligada a, e por vezes a causa principal de outros comportamentos humanos, tais como padrões de mobilidade e locais de colonização. Em suma, a subsistência é vista como a relação entre os seres humanos e os recursos alimentares nos seus ambientes (STARR, 2005).

Apesar disto, representações de cervos solitários, em pares, ou em grupos são comuns. Também, são comuns as representações de grupos fêmeas com crias. O cervídeo é o único animal no Tejo que é representado com "cenas" de comportamento quotidiano e apenas os cervídeos são representados em cenas "simbólicas" ou o que parecem ser cenas "rituais". É o caso da rocha número 158 do sítio de São Simão que tem um cervídeo morto a ser carregado por um homem. Esta figura é comparada apenas com duas outras também representadas no vale do Tejo e onde as figuras humanas aparecem carregando um sol em vez de animais. No entanto, pelo significado destas imagens, enquanto o cervídeo morto transportado por um ser humano é considerado como uma representação de caçadores-coletores, os sóis transportados por seres humanos são considerados como representações de comunidades pastoris e agrícolas. Poderão estas imagens representar as preocupações primordiais de grupos humanos tão diferentes? É também importante notar que as hastes do cervídeo morto foram subsequentemente fechadas com picotados diferenciados. Será que a ideia de hastes redondas fechadas se destina a representar um sol? Pensamos que sim.

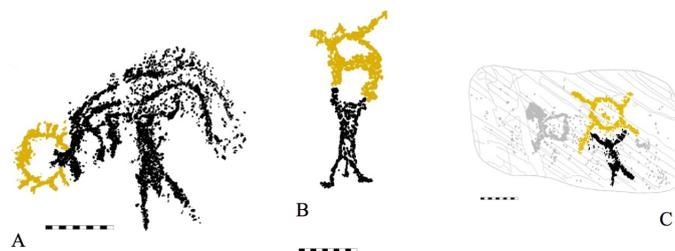


Figura 6 – Antropomorfos a carregar sóis. A) FIC 12(1) M1554; B) F126A M372.

Fonte: Garcês (2017).

Alguns autores consideram que as figuras representadas por caçadores-colectores têm uma função ritual. Argumentam que as imagens e os símbolos se referem a certas "histórias", ou seja, a acontecimentos relacionados com as estações, os hábitos, a caça, a sexualidade, a morte, os poderes misteriosos de certos seres sobrenaturais e certas pessoas. Estas imagens seriam a representação de um código que significa o valor simbólico das imagens e, ao mesmo tempo, a sua função nas cerimónias ligadas a várias "histórias". Mas os sistemas em que os diferentes símbolos têm lugar permitiriam pelo menos adivinhar a sua importância nas práticas rituais dos caçadores-colectores (ELIADE, 1985).

Algumas outras figuras não-económicas relativas a figuras de cervídeos no Tejo relacionam-se com a representação de cabeças de cervídeos. É lógico pensar que se um grupo de caçadores-colectores representasse apenas animais com um objectivo económico, a representação de cabeças destes animais estaria longe deste objectivo. A maior parte da economia do animal está ausente: carne, ossos, pele, intestinos, etc. No entanto, a parte mais representativa da espécie está presente (a cabeça com as hastes), uma presença que atesta a espécie, sexo, masculinidade, a renovação das hastes e todo o seu simbolismo, a força dos mesmos. Estes tipos de representações, juntamente com outras representações de cervídeos com traços de movimento, são muito típicos das representações de caçadores-colectores. Paralelos podem ser encontrados, por exemplo, no Vale do Côa, a 250 km de distância.

Apesar da existência de uma importante concentração de figuras de cervídeos no Tejo, estes animais ocupam um lugar de relevo entre as figuras de animais mais conhecidas na arte rupestre portuguesa. A sua distribuição geográfica estende-se essencialmente pela zona do Norte e Centro do país, com algumas figuras de cervídeos a ocorrerem no vale do Guadiana e nos abrigos de Arronches e do ponto de vista cronológico, a figura do cervídeo é uma das poucas figuras que surge desde cronologias mais antigas (Paleolítico Superior) até à Idade do Ferro.

O cervídeo é uma figura bastante disseminada na arte do Noroeste Peninsular em território galego e no noroeste de Portugal no denominado estilo "Arte

Atlântica". É continuamente encontrado mesmo em estações inéditas na zona de Campo Lameiro (AMEIXEIRAS SÁNCHEZ, 2013). Em território português, gravuras de cervídeos podem ser encontradas na Lage da Churra, Carreço, Viana do Castelo (SANTOS, 2014), na Lage das Fogaças e Lage da Chã das Carvalheiras 1, ambas na encosta ocidental do Monte de Góis, em Caminha, Viana do Castelo (VIANA, 1960; NOVOA ÀLVAREZ; COSTAS GOBERNA, 2004; ALVES, 2013), num grande afloramento na Quinta da Barreira em Verdoejo, Valença, Viana do Castelo (NOVOA ÀLVAREZ; COSTAS GOBERNA, 2004; SILVA; ALVES, 2005) e na Laje da Boucinha 1/Chã das Carvalheiras 4 em Lanhelas, Caminha, Viana do Castelo (ALVES, 2013).

Mais a norte, o cervídeo é um dos animais mais comuns na arte do noroeste peninsular em território galego. F. Costas Goberna e P. Novoa Álvarez (1993) descreviam os cervídeos nas rochas gravadas da Galiza como o animal mais representado e mais fácil de identificar quando se trata de machos, devido à sua cornamenta. Também estariam em representação animais jovens e fêmeas e seria possível identificar cervídeos na brama e copulando. Em alguns casos aparecem associados a figuras circulares e a figuras antropomorfas em atitude de dança (COSTAS GOBERNA; NOVOA ÀLVAREZ, 1993).

Ainda no norte de Portugal, no abrigo do Forno da Velha (Macedo de Cavaleiros) encontra-se pelo menos uma figura de cervídeo nos painéis inventariados. Na tipologia das figuras encontram-se geométricos, antropomorfos e zoomorfos tipicamente esquemáticos. Os zoomorfos são considerados como o motivo mais original deste abrigo (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009). Num dos painéis foi identificado um cervídeo esquemático com uma armação muito bem definida.

Ainda em contexto de complexos rupestres ao ar livre e normalmente, nas margens de rios, foram recentemente interpretados como cervídeos na zona do vale do Sabor, algumas figuras de zoomorfos em Alfândega da Fé, na zona de Santo Antão da Barca/Cabeço do Aguilhão, no sítio designado por EP 621 "Santo Antão da Barca", no sítio do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo), nas placas Magdalenenses do terraço fluvial da Foz do Medal,

na rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo) e no Vale Figueira (margem direita do Escalão de Montante) (FIGUEIREDO *et al.*, 2014; FIGUEIREDO, 2013).

Na margem direita do rio Sabor destaca-se no cimo de um esporão, o sítio do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo), um sítio fortificado com diversas fases de ocupação, balizadas cronologicamente entre a II Idade do Ferro e a época romana. Uma das particularidades mais interessantes deste sítio surge na identificação de mais de cinco centenas de suportes móveis em xisto (512 placas gravadas) com figuras rupestres enquadradas, grosso modo, na II Idade do Ferro. Dos 1420 motivos, foram registados cinco grupos de motivos diferentes. Dentro dos motivos zoomorfos, os cavalos são as figuras mais abundantes com 150 representações e o segundo animal com mais representatividade é o cervídeo, com 15 motivos (SANTOS *et al.*, 2012; NEVES; FIGUEIREDO, 2015).

Ainda no vale do Sabor e tendo em conta os suportes móveis com representações figurativas, destaca-se na margem direita do terraço fluvial da Foz do Medal a unidade estratigráfica de cronologia Magdalenense onde foram exumadas 1511 placas gravadas. Com 170 motivos gravados no conjunto dos zoomorfos, o cervídeo surge dentro da panóplia de figuras representadas, no entanto, surge como a espécie menos representada no conjunto típico de representações paleolíticas bovívoro – capríneo – equívoro – cervívoro, com apenas 6 representações (FIGUEIREDO; XAVIER; NOBRE, 2015).

Também na rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo), foram identificadas figuras de cervídeos. Ainda que de cronologia bem mais recente (Idade do Ferro) foi identificado, na zona 1 da rocha, um pequeno cervídeo associado a uma personagem com arco e flecha. Na zona 2 foram identificados vários cervídeos (7) sendo dois deles representados numa cena em que são trespassados por lanças de dois antropomorfos. Esta representação foi interpretada como sendo uma cena cinegética. Os cervídeos nesta rocha estão representados com corpo longo, estreito e retangular, pequena cauda ou coto e com armação visível (NEVES *et al.*, 2012).

Em Vale Figueira (margem direita do Escalão de Montante), Vale do Sabor, foram identificados

cervídeos da Idade do Ferro (FIGUEIREDO, 2011) e na foz do rio Tua, foi identificada a cabeça de um cervídeo no painel 31 do abrigo A numa rara composição de cronologia paleolítica (VALDEZ-TULLETT, 2013).

No vale do Côa, ainda que haja registos de outros animais representados, como a camurça e o peixe, a grande maioria dos animais gravados são cavalos, auroques, cervídeos e capríneos. É este quarteto de quadrúpedes que assume o principal papel simbólico no ideário paleolítico da região e que durante milhares de anos foram obcecadamente representados, com inúmeras nuances estilísticas e tipológicas (REIS, 2014).

No final de 2018, a região do Côa contava com 94 sítios de arte rupestre (60 Paleolítico), 1307 rochas decoradas ou outros tipos de suportes de pedra (591 Paleolítico) e 13311 figuras individuais, das quais 4218 são paleolíticas, e (acrescentando arte ao ar livre e portátil) incluindo 2176 representações zoomórficas de diferentes tipos (REIS, 2021).

O cervídeo será o quarto animal mais representado deste conjunto, onde se podem identificar cervídeos (*Cervus elaphus*) com belas armações, semelhantes às atuais (Luís, 2008). Em toda a extensão do Vale do Côa/Douro há registos de figuras de cervídeos desde o Paleolítico Superior até à Idade do Ferro. Em 2009, registavam-se 76 figuras de cervídeos sobre as 117 rochas com motivos unicamente paleolíticos do vale do Côa, sendo os cervídeos o 4º animal mais representado (BAPTISTA, 2009), no entanto esse cenário tem vindo a mudar facto que se deve às constantes prospeções e descoberta de novas rochas com gravuras de variadas cronologias (REIS, 2011, 2012, 2013, 2014). No percurso final do Vale do Côa, entre a foz e a Canada do Inferno, há registo de cervídeos nos núcleos de Foz do Côa, Quinta das Tulhas, Vale do Forno, Moinhos de Cima, Cavalaria, Canada do Amendoal e Canada do Inferno.

Também na arte móvel das placas do Fariseu são evidentes figuras de possíveis cervídeos. Por exemplo, na cara superior da placa do nível 4(a), caracterizado como Magdalenense Final, uma das figuras pode ser interpretada como cervídeo (figura 1) e uma outra figura foi interpretada como sendo um cervídeo (GARCÍA DIEZ; AUBRY, 2002). Resumindo, no que se pode apurar até ao momento,

o vale do Côa/Douro apresenta 37 núcleos diferentes com representações de cervídeos cuja cronologia varia entre o Paleolítico Superior até à Idade do Ferro. Destacam-se as cenas de caça ao cervídeo que surgem, frequentemente, nas composições da Idade do Ferro.

No abrigo da Fraga D'Aia, em São João da Pesqueira há a representação de um cervídeo, também numa possível cena de caça assim interpretada já na altura da sua descoberta (JORGE *et al.*, 1988a, 1988b; JORGE; BAPTISTA; SANCHES, 1988).

Ainda no universo da arte rupestre pintada ao ar livre, também no Abrigo Ribeiro das Casas (MALHADA SORDA, ALMEIDA) foi identificado em Janeiro de 2002 a figura de uma cerva. Segundo o autor (BAPTISTA, 2009), a imagem do zoomorfo apresenta um estilo seminaturalista, com a pequena cabeça perfilada em V, pescoço fino e corpo ovalado, sendo possivelmente um cervídeo fêmea (...).

Na área da bacia hidrográfica dos rios Unhais/Zêzere, na zona de Pedras Lavradas (RIBEIRO; PEREIRA; JOAQUINITO, 2009), Serra da Alvoaça e na área da Serra do Chiqueiro foram identificados dois cervídeos (RIBEIRO, 2014), no entanto, a sua interpretação como sendo de facto cervídeos é também duvidosa.

No entanto, a mais antiga referência a um sítio com figuras de cervídeos na arte rupestre portuguesa foi em 1916, sobre o abrigo da Lapa dos Gaivões na notícia da sua descoberta (CORREIA, 1916). Ainda que a notícia não tenha deixado grandes detalhes sobre as figuras que surgiram nos painéis, logo no ano seguinte, Henri Breuil (1917) fazia um estudo mais detalhado sobre o sítio com ilustrações dos painéis onde as figuras de cervídeos surgiam claramente e, por vezes, em associação com outras figuras (BREUIL, 1917).

Num estudo recente, identificou-se, no painel 4 da Lapa dos Gaivões quatro motivos zoomórficos quadrúpedes que são interpretados como sendo cervídeos (motivo 19, 20, 23, 24). Estes motivos mostram o corpo de forma ovalada ou sub-rectangular, cabeça triangular, duas patas e na extremidade da cabeça a representação das hastes ramificadas, características desta espécie animal. Estamos perante quatro representações de cervídeos

machos, possivelmente adultos, enquadrados numa cena de caça onde participa um antropomorfo (MARTINS, 2014, p. 224). O conjunto iconográfico do painel 4 da Lapa dos Gaivões foi interpretado como sendo uma cena de caça ao cervídeo, ainda que se admita esta interpretação como alvo de discussão (MARTINS, 2014, p. 250).

Mais a sul, no Complexo Rupestre do vale do Guadiana, a figura do cervídeo é relativamente rara. Do paleolítico encontra-se um cervídeo com apenas a metade dianteira figurada totalmente em perfil, na rocha 1 de Porto Portel (lado português) (BAPTISTA; SANTOS, 2013) e, no lado espanhol, encontra-se na estação XV “Esquinera” um cervídeo em perfil quase absoluto, gravado em traço filiforme e um cervídeo acéfalo também filiforme, uma cerva na estação CCLXXVI “Bonito Día”, uma cerva na estação CDXCVII “Sete” (sector Isla Molino), um cervídeo no painel 2 da estação XXVI “El Boceto” no sector Simpson, uma cerva no painel 2 da estação CVII “Cangrejos”, uma cerva filiforme na estação CDVII “Hiperlavado”, um cervídeo na estação DLVII “Palestín”, e um cervídeo na estação CCXCIV “Muffón” (COLLADO GIRALDO, 2006). No caso do cervídeo português, a figura foi enquadrada em momentos plenamente Magdalenenses, tendo em conta o naturalismo da cabeça e em particular das suas terminações, sobretudo no que toca às hastes e à orelha (BAPTISTA; SANTOS, 2013).

De cronologias mais recentes, pós-paleolíticas, no lado português encontram-se dez cervídeos macho e duas cervas na rocha 3 de Mocissos, três cervídeos na rocha 1 de Beatas I, um cervídeo na rocha 63 da Moinhola e dois cervídeos na rocha 109 também da Moinhola (BAPTISTA; SANTOS, 2013).

Em contexto de castros ou povoados proto-históricos, na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), logo nas primeiras escavações ainda a meio do século XX, encontrou-se uma pequena laje de granito triangular, medindo tanto na base como na altura 42 cm contendo gravuras. Essas gravuras, segundo a interpretação de Eugénio Jalhay (1947) representa uma cena de caça ao cervídeo, uma cena que mede 28cm de comprimento desde a extremidade da cauda do equídeo até à ponta da armação do cervídeo (JALHAY, 1947).

Figuras de cervídeos foram ainda encontrados nas chamadas “Pedras de Alvão”, um conjunto de pedras referenciadas junto a um dólmen no final do século XIX pelos Padres José Brenha e Rafael Rodrigues (ABREU; SÁ, 1998, 2000 *apud* ABREU, 2012).

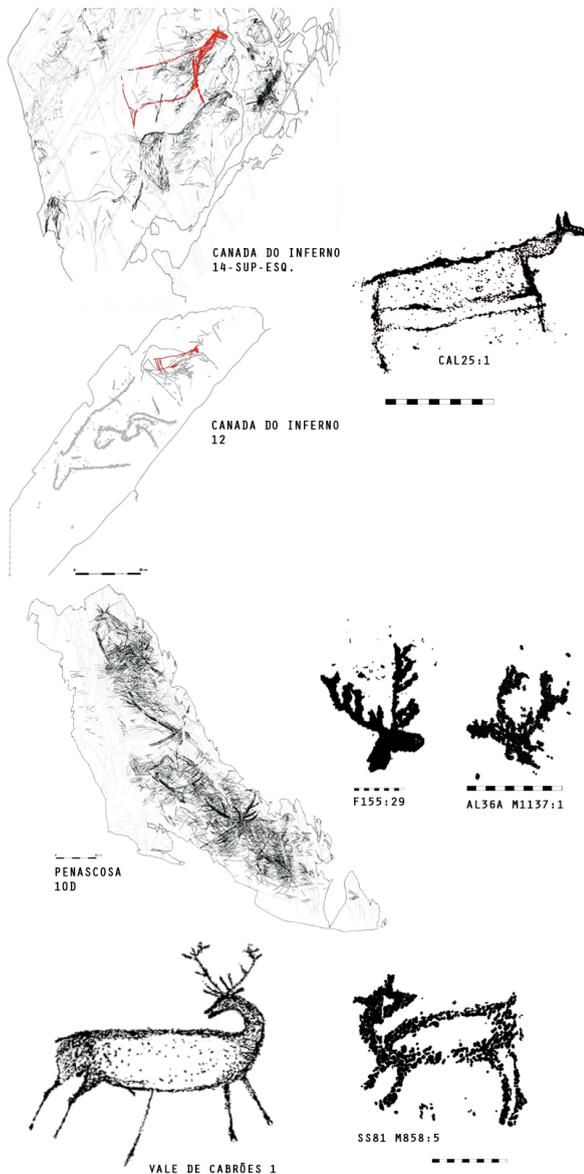


Figura 7 – Comparação entre algumas figuras do vale do Côa (à esquerda) com algumas figuras do vale do Tejo pré-esquemáticas (à direita).

Fonte: adaptado de Baptista e Gomes (1997); Baptista (2009).

Também com um cervídeo encontrou-se uma estátua em Barcelos, Roriz, Monte do Facho. A gravura está localizada na parte de trás da estátua e é

cronologicamente enquadrada na Idade do Ferro (ABREU, 2012).

Pinturas com cervídeos encontram-se também nos monumentos megalíticos como por exemplo nos esteios da Orca dos Juncais (CRUZ, 2000) e Arquinha da Moura (CUNHA, 1995).

Por fim, há que assinalar que dois dos animais gravados na Gruta do Escoural e que normalmente são interpretados como uma égua e a sua cria (SANTOS, 1967) são, em publicações recentes considerados, por outros autores, como sendo a representação de duas cervas (uma adulta e uma cria) (COLLADO GIRALDO, 2006).

Fora do âmbito da arte rupestre, e a título de curiosidade, figuras de cervídeos surgem também surgir na decoração cerâmica como é o caso da cerâmica campaniforme tipo “Palmela” no Casal do Pardo, Palmela (PEREIRA; BUBNER, 1974-77), e em placas sub-retangulares de argila cozida de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) (ARNAUD, 2013).

Tomo a liberdade de tentar algumas analogias com contextos culturais contemporâneos e etnográficos, incluindo as comunidades tribais em África, Austrália e América do Sul que estão envolvidas na caça e recolha tradicional de modos de vida. No contexto deste trabalho, tais analogias podem ter em conta a relação social e ritual entre caçador-recolector e o animal escolhido (INGOLD, 2007). Com base nos registos antropológicos e etnográficos, várias comunidades tribais não ocidentais têm e ainda utilizam elementos de animismo e totemismo quando consideram certas espécies animais. Em alguns exemplos, algumas espécies são excluídas devido às associações com superstições negativas ou não são consideradas como fauna de caça tradicional (como o urso e o leão). Lee e Devore (1976) ao observarem as estratégias de caça nómadas dos povos !Kung ou Mbuti da África austral, referem que relativamente à fauna é usada uma variedade de dispositivos rituais e sociais para assegurar um resultado de caça bem sucedido, em particular a forma como o armamento de caça é feito e como a carne é partilhada entre os membros da família do seu clã. Os grupos têm um conhecimento íntimo da paisagem, bem como do comportamento intrincado da fauna que caçam. Do mesmo modo, as últimas comunidades de caçadores-recolectores do vale do Tejo que caçavam principalmente cervídeos

teriam uma base de conhecimentos intrincada sobre onde e o que caçar.

Os cervídeos têm um porte distinto, são fortes e rápidos, por isso aqueles que os caçavam teriam certas habilidades e força, qualidades que os tornariam bons caçadores dentro do grupo com um certo estatuto social. O cervídeo em si é a representação perfeita de força, velocidade e magnificência - e considerando as armas disponíveis na altura, os caçadores precisariam de certas qualidades atléticas, e, portanto, a caça ao cervídeo pode ter sido considerada um momento extraordinário. A importância do cervídeo seria tão económica como o seu simbolismo na caça propriamente dita. Alguns autores defendem que a dificuldade de caçar este animal contaria para o fenómeno da sua importância entre os caçadores (GRANT, 1980).

O conhecimento da etologia e da ecologia do cervídeo, ambos representados nas rochas do Vale do Tejo, seriam fundamentais para o sucesso da caça. Estas comunidades de caçadores-coletores, nómadas na sua existência e tão dependentes do seu conhecimento das leis da natureza, sentir-se-iam facilmente entrelaçadas com os padrões de sobrevivência dos cervídeos. A sua representação obsessiva no vale do Tejo, nos momentos que antecederam a grande mudança que ocorreria com a introdução da revolução agrícola, poderia ter sido a representação do próprio modo de vida do caçador-colector. A representação dos cervídeos e da sua etologia pode ser interpretada como uma metáfora da sua própria estrutura social como grupos economicamente dependentes da caça, da recolha e da pesca.

Os cervídeos têm uma estrutura social que pode ser comparada, metaforicamente e em grande medida, com a estrutura social e os padrões de sobrevivência das comunidades de caçadores-coletores. Estes são estruturados em grupos, divididos genericamente em fêmeas com crias e grupos de machos ou indivíduos solitários. Os cervídeos são animais errantes que procuram os melhores territórios em busca de alimento e é um facto que o tamanho dos animais e o tamanho das hastes dependem muito da quantidade e qualidade dos alimentos disponíveis. Tanto o aparecimento como a queda das hastes marcam uma profunda

mudança sazonal ao longo do tempo. Os tempos de criação e reprodução são muito importantes no padrão de subsistência dos cervídeos, com lutas entre os machos. A gestação de uma fêmea dura 40 semanas, o mesmo tempo que a gestação de um ser humano e, com o nascimento das crias e a renovação das hastes na Primavera, que marca um período de crescimento, renovação, abundância e sobrevivência. A percepção de todos estes padrões e a semelhança com os seus próprios padrões de vida, não seriam ignorados pelas comunidades de caçadores-coletores.

O exemplo das representações de carneiros-selvagens no Oeste dos Estados Unidos (GRANT, 1980) é importante. Estes animais são considerados muito inconstantes, movimentados e a perturbação pela actividade humana não é tolerada por estes animais. A dificuldade de caçar estes animais tornou-se uma actividade obsessiva para os caçadores-coletores do Oeste dos Estados Unidos que fizeram um grande esforço para capturar estes animais apesar da quase inacessibilidade dos seus habitats (terreno de fuga íngreme e rochoso). Muitas técnicas diferentes de caça de carneiros-selvagens foram descritas pelos informadores Paiute durante os finais do século XIX e princípios do século XX mostrando a importância que estes animais teriam tanto em questões económicas como na vida cerimonial das pessoas (DAVEY, 2006).

Tendo em conta outros contextos, a investigação sobre a arte rupestre dos San mostra-nos uma perspectiva completamente diferente, mas revela-nos a mesma preocupação obsessiva por um tema dominante: um animal, o elande, um antílope. Desde as primeiras pesquisas, considera-se que o destaque dado ao elande parece corresponder ao lugar que este ocupava no imaginário Bushman. Este animal é considerado não só como uma ótima fonte de alimentação, mas também como um animal sagrado (WERNER, 1908). Este antílope é considerado como um elemento apropriado em muitos contextos diferentes na estrutura social, pensamentos, rituais e imaginação do povo San (caça, casamento, curas, mudanças climáticas e divindades) (LEWIS-WILLIAMS, 1977).

O cervídeo no vale do Tejo representaria então mais do que apenas algo adequado para comer. Seria um símbolo com muitos significados

diferentes e misteriosos. Poderia estar ligado à ideia de prestígio, poder, força como os cavalos eram nos tempos do Paleolítico (GARCÊS; NASH, 2017). Argumenta-se que os caçadores-coletores tinham de estar conscientes da semelhança dos padrões de sobrevivência dos cervídeos com os seus próprios, e que em tempos de mudança e pressão de alterações e adaptações climáticas, talvez a especialização da caça a um determinado animal que fosse economicamente viável para um grupo de pessoas, criaria uma sensação de segurança, intimidade, e uma relação intrínseca com o seu imaginário.

Referências

- ABREU, Mila Simões de. **Rock-Art in Portugal**. History, Methodology and Traditions. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 4 vols, 2012.
- ALMEIDA, Nelson; FERREIRA, Cristiana; ALLUÉ, E., BURJACKS, F., CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz; ROSINA, Pierluigi; SALADIÉ, Palmira. Acerca do impacto climático e antropozooagénico nos inícios da economia produtora: o registo do Alto Ribatejo (Portugal Central, Oeste da Península Ibérica). *In*: ZOCCHÉ, Jairo José; CAMPOS, Juliano Bitencourt; ALMEIDA, Nelson; RICKEN, Claudio (Eds.) **Arqueofauna e Paisagens**. Erechim: Editora Habilis Press, 2014. p. 63-84.
- ALVES, Lara Bacelar. Monte de Góis, Caminha. Um santuário rupestre nas margens do rio Minho. *In*: BETTENCOURT, Ana (Coord.) **A Pré-História do Noroeste Português**. Arkeos Territórios da Pré-História em Portugal. 36. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, 2013. p. 169-183.
- ANATI, Emmanuel. The changing dominant theme. **Expression**, The Dominant Theme in Prehistoric and Tribal Art. Quarterly E-Journal of atelier in cooperation with UISPP-CISNEP, International Scientific Commission on the Intellectual and Spiritual Expressions of Non-Literate peoples, 21, p. 2-3, 2018.
- ARNAUD, José Morais. Reflexões em torno das placas de cerâmica com gravuras de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). *In*: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) **Arqueologia em Portugal - 150 anos**. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2013. p. 447-455.
- ARAÚJO, Ana Cristina. Hunter-gatherer adaptations during the Pleistocene/Holocene transition in Portugal: data and explanatory models. *In*: MCCARTAN, Sinéad; SCHULTING, Rick; WARREN, Graeme; WOODMAN, Peter (Eds.). Papers presented at the Seventh International Conference on the Mesolithic in Europe, Belfast 2005. **Mesolithic horizons**: papers presented at the 7th International Conference on the Mesolithic in Europe, Belfast. 2nd vol., Oxford: Oxbow, 2009. p. 533-540.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco. Inland Insights into the Microlithic Puzzle: the case of Barca do Xerez de Baixo. *In*: BICHO, Nuno (Ed.) **From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore**: Papers in honour of Anthony Marks. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: Universidade do Algarve, 2006. p. 185-207.
- AMEIXEIRAS SÁNCHEZ, Francisco. Campo Lameiro. Apuntes de posibles estacións inéditas. 2013. [publicação inédita oferecida pelo autor].
- BAPTISTA, António Martinho. **A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo**. Monografias Arqueológicas. 20 figs., XVI ests. GEAP. Porto, 1981. 85p.

BAPTISTA, António Martinho. **O Paradigma Perdido**. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal. Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento/PAVC, 2009. 254 p.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela. Arte Rupestre. *In*: ZILHÃO, João (Ed.). **Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa**. Lisboa: Ministério da Cultura, 1997. p. 213-406.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela; LEMOS, Francisco Sande; MARTINS, Teresa; MONTEIRO, Jorge Pinho; RAPOSO, Luís; SERRÃO, Vítor; SILVA, Manuel António Carlos da; QUEROL, Maria de los Angeles; SERRÃO, Eduardo da Costa. O Complexo de Arte Rupestre do Tejo. Processos de Levantamento. **Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia**, 1, p. 293-324, 1974.

BAPTISTA, António Martinho. El Arte Paleolítico en Portugal. *In*: LOPES, Sergio Ripoll (Ed.). **Arte Sin Artistas - una mirada al Paleolítico**. Madrid: Museu Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 2013. p. 5-35.

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Santos. A Arte Rupestre do Guadiana Português na área de influência do Alqueva. **Memórias d’Odiana, Estudos Arqueológicos do Alqueva**. 2ª Série, 2013. 339p.

BICHO, Nuno Ferreira; GIBAJA, Juan Francisco; STINER, Mary; MANNE, Tiina. Le paléolithique supérieur au sud du Portugal: le site de Vale Boi. **L’Antropologie**, 114, p. 48-67, 2010.

BREUIL, Henri. La roche peinte de Valdejunco, à la Esperança, près Arronches. **Terra Portuguesa**, n. 3 (13-14), p. 17-27, 1917.

BREZILLON, Michel. Applications archéologiques du moulage au latex. *IN*: **Bulletin de la Société préhistorique française**, 62(3), p. 109-111, 1965

BRUGAL, Jean-Philip; VALENTE, Maria João. Dynamic of large mammalian associations in the Pleistocene of Portugal. **Promontoria Monográfica**, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks, n. 17, p. 15-27, 2007.

CARVALHO, António Faustino. **A neolitização do Portugal Meridional** - os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental. Tese (Doutoramento em Arqueologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, 2007. 646p.

CARVALHO, António Faustino; VALENTE, Maria João; HAWS, Jonathan. Faunas mamológicas do Neolítico Antigo do Maciço Calcário Estremenho: análise preliminar de dados recentes. **Promontoria**, 2(2), p. 144-155, 2004.

CARVALHO, Nuno; CUNHA, Pedro Proença; MARTINS, António; TAVARES, Alexandre. Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal. **Açafa**, n. 7, p. 1-76, 2006.

COLLADO GIRALDO, Hipólito. Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. *In*: CALADO, Manuel (Ed.). **Sinais de Pedra**. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica [Évora, 24 a 26 de Janeiro de 2003]. Fundação Eugénio da Almeida [CD-ROM], 2004.

COLLADO GIRALDO, Hipólito. **Arte rupestre en la Cuenca del Guadiana**: El conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel-Cheles, Badajoz). 2006. 534p. Universidade de Extremadura.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio. 10.000 años de arte rupestre. El ciclo preesquemático de la Península Ibérica y su reflejo en Extremadura (España). *In*: GUIDON, Niède; BUCO, Cris; ABREU, Mila Simões, Global Rock Art - Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO. **Fundamentos IX**, 3, p. 483-508, 2009.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio. La revalorización del arte rupestre de los grupos depredadores postpaleolíticos en la Península Ibérica: el arte rupestre preesquemático. *In*: GARCÍA ARRANZ, José Julio, COLLADO GIRALDO, Hipólito; NASH, George (Eds.) **The Levantine Question**. Post-Paleolithic rock art in the Iberian Peninsula. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2012. p. 227-261.

CORCHÓN, Maria Soledad; VALLADAS, Hélène; BÉCARES, Julián; ARNOLD, Maurice; TISNERAT, Nadine; CACHIER, Hélène. Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de Cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). **Zephyrus**, 49, p. 37-60, 1996.

COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; NOVOA ÁLVAREZ, Pablo. Los Grabados Rupestres de Galicia. **Monografías**, 6. Museu Arqueológico e Histórico de A. Coruña, 1993. 291p.

CORREIA, Vergílio. Pinturas Rupestres da Srª da Esperança (Arronches). **Terra Portuguesa**, 1(5), p. 158, 1916.

CRIADO BOADO, Felipe. Límites e posibilidades de la Arqueología del Paisaje. SPAL, **Revista de Prehistoria y Arqueología**, 2, p. 9-55, 1993.

CRUZ, Domingos. **Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Paiva**. Câmara Municipal de Paiva, 2000. 49 p.

CUNHA, Ana Leite. Anta da Arquinha da Moura (Tondela). **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, n. 35(3), p. 133-152, 1995.

DAVEY, Amanda M. **A Landscape Approach to Bighorn Sheep Rock Art in the Dolores River Valley**. Nebraska Anthropologist, 2006. p. 104-116.

DAVIS, Simon. The mammals and birds from the Gruta do Caldeirão, Portugal. **Revista de Arqueologia**, 5(2), p. 29-98, 2002.

DAVIS, Simon; MACKINNON, Michael. Did the Romans bring fallow deer to Portugal? **Environmental Archaeology**, 14(1), p. 15-26, 2009.

DAVIS, Simon; DETRY, Cleia. Crise no Mesolítico: evidências zooarqueológicas. *In*: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.). **Arqueologia em Portugal - 150 anos**, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2013. p. 297-309.

ELIADE, Mircea. **A history of religious ideas**. Volume 1: From the Stone Age to the Eleusinian Mysteries, 1985. 508p. University of Chicago Press.

ELLIADÉ, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. Edição Livros do Brasil, 1999. 240p.

FIGUEIREDO, Sofia; BAPTISTA, António. As pinturas esquemático-simbólicas do Forno da Velha

(Lagoa, Macedo de Cavaleiros): um diálogo entre a arqueologia e a geologia. *In*: BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar (Eds.). **Dos Montes, das pedras e das águas**. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à atualidade. [s/i]: Candeias Artes Gráficas, 2009. p. 11-24.

FIGUEIREDO, Sofia (Coord.). **Arqueologia Baixo Sabor** n. 1, Baixo Sabor ACE, Odebrecht e Lena Construções, EDP, 2011.

FIGUEIREDO, Sofia. **A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano**: contextos e linguagens. Tese (Doutoramento em Arqueologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. 2vols, 2013.

FIGUEIREDO, Soa; NOBRE, Luís; GASPAR, Rita; CARRONDO, Joana; CRISTO ROPERO, Araceli; SILVA, Maria João.; MOLINA, F.J. Foz do Medal Terrace - An open air settlement with Paleolithic portable art. **INORA** – International Newsletter on Rock Art, n. 68, p. 12-20, 2014.

FIGUEIREDO, Sofia; XAVIER, Pedro; NOBRE, Luís. Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a temas e estilos. *In*: COLLADO GIRALDO, Hipólito; ARRANZ GARCÍA, José Julio (Coord.) **Arkeos**: XIX International Rock Art Conference (IFRAO 2015), n. 37, p. 1573-1588, 2015.

GARCÊS, Sara. **Cervídeos**: Símbolos e Sociedade nos Primórdios da Agricultura no vale do Tejo. Tese (Doutoramento em Quaternário, Materiais e Culturas) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2017.

GARCÊS, Sara. Relatório da prospeção no sítio 1 do rio Sever. *In*: OOSTERBEEK Luiz, PEREIRA

Telmo, ALMEIDA, Nelson José (Eds.). Moving tasks across shapes. Reassessing the mechanisms of the agropastoralist spread in Central Portugal. *Mação*: Instituto Terra e Memória, série **Arkeos**, vol. 50, p. 127-128, 2020.

GARCÊS, Sara; NASH, George. The relevance of watery soundscapes in a ritual context. **Time & Mind**, 10(1), p. 69-80, 2017.

GARCÍA DIEZ, Marcos; AUBRY, Thierry. Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La Estación Arqueológica de Fariseu. **Zephyrus**, 55, p. 157-182, 2002.

GOMES, Mário Varela. Arte Rupestre do Vale do Tejo. **Arqueologia no Vale do Tejo**: Lisboa: IPPC-Instituto Português do Património Cultural, 1987. p. 26-43.

GOMES, Mário Varela. A rocha 49¹ de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico na arte rupestre do Vale do Tejo. *In*: RODRIGUES, M. Conceição (Coord.). **Homenagem Professor Santos Júnior**, I. Lisboa. Instituto Português de Investigação Científica, 1990. p. 151-177.

GOMES, Mário Varela. **Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal)** - Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologia e interpretações), Série Arqueológica - Semiótica del Arte Rupestre. Academia de Cultura Valenciana, Sección de Prehistoria y Arqueología. Valência: Diputación Provincial de Valencia, 2010. p. 53-88.

GOMES, Mário Varela. A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, 7 (1), p. 61-128, 2004.

GOMES, Mário Varela. Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico). **Cuadernos de Arte Rupestre**, 4, p. 81-116, 2007.

GOMES, Mário Varela. **Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico**. Tese (Doutoramento em História, especialidade Arqueologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2 vols, 2010.

GOMES, Mário Varela; CARDOSO, João Luís. A mais antiga representação de Equus do Vale do Tejo. Actas do Colóquio Internacional "Arte Pré-histórica: nos 25 anos da descoberta da gruta do Escoural". **Almanson**, 7, p. 167-209, 1989.

GRANT, Clark. "The Desert Bighorn and Aboriginal Man". In: MONSON, Gale; SUMNER, Lowell (Eds.). **The Desert Bighorn: Its Life History, Ecology and Management**. Tucson: University of Arizona Press, 1980. p. 7-39.

HOCKETT, Bryan; HAWS, Jonathan. Taphonomic and Methodological Perspectives of Leporid Hunting During the Upper Paleolithic of the Western Mediterranean Basin. **Journal of Archaeological Method and Theory**, n. 9(3), p. 269-302, 2002.

IGNACIO, Elaine. **A representação de cervídeos no complexo rupestre do parque nacional serra da Capivara: morfologias, sintaxe e contextos arqueológicos**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre) – Instituto Politécnico de Tomar/Universidade de Trás-os-Montes, 2009.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill** (1st ed.). Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. The Gift in the Animal: The Ontology of Hunting and Human-Animal Sociality. **American Ethnologist**, 34 (1), p. 25-43, 2007.

JALHAY, Eugénio. Uma notável gravura rupestre da Citânia de Sanfins. **Brotéria**, n. 39(5), p. 554-563, 1947.

JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; SANCHES, Maria de Jesus. A Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Arte Rupestre e Ocupação Pré-Histórica. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, n. 28, p. 201-232, 1988a.

JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; JORGE, Susana Oliveira; SANCHES, Maria de Jesus; SILVA, Eduardo Jorge; SILVA, Margarida Santos; CUNHA, Ana Leite. O abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Notícia preliminar. **Arqueologia**, n. 18, p. 109-30, 1988b.

JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; SANCHES, Maria de Jesus. A Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Arte Rupestre e Ocupação Pré-Histórica. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, n. 28, p. 201-232, 1988.

LEE, Richard B.; DEVORE, Irvén (Eds.). **Kalahari Hunter-Gatherers**. Massachusetts: Harvard University Press, 1976.

LEWIS-WILLIAMS, James David. **Believing and Seeing: an interpretation of symbolic meanings in southern San rock paintings**. [Submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Ph.D. in the Department of African Studies, University of Natal, Durban], 1977. p. 385.

MARTINS, Andrea. **A Pintura Rupestre do Centro de Portugal**. Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris. Tese (Doutoramento em Arqueologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. 2vols, 2014.

MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, Mario; QUESADA LÓPEZ, José Manuel. Artistas y Cazadores de Ciervos. El papel del ciervo en el arte y la caza del Paleolítico Superior Cantábrico. **Espacio, Tiempo y Forma**. Serie I, Nueva época. Prehistoria y Arqueología, 1, p.155-166, 2008.

NEVES, Dário; FIGUEIREDO, Sofia. Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição. *In*: COLLADO GIRALDO, Hipólito; ARRANZ GARCÍA, José Julio (Coord.) **Arkeos: XIX International Rock Art Conference (IFRAO 2015)**, n. 37, p. 1589-1605, 2015.

NEVES, Dário; DIAS, Rodrigo; COELHO, Sílvia; XAVIER, Pedro; MORAIS, Renata; CARVALHO, Luís; FIGUEIREDO, Sofia. A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro. *In*: CASCALHEIRA, João; GONÇALVES, Célia (Eds.). **Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011**[11 a 13 de Maio, Campus de Gambelas, Universidade do Algarve], Volume I, Promotoria Monográfica, n.16, 169-175, 2012.

NOVOA ÁLVAREZ, Pablo; COSTAS GOBERNA, Fernando Javier. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño. **Glaucoptis**, n. 10(4), p. 117-204, 2004.

OOSTEBEEK, Luiz; CURA, Sara; CARRONDO, Joana; GARCÊS, Sara; GOMES, Hugo; TOMÉ,

Tiago. Pré-História do Alto Ribatejo - breve panorâmica. **Zahara**, n. 15, p. 77-88, 2010.

PEREIRA, Maria Amélia Horta; BUBNER, Thomas. Novos materiais de Palmela. O **Arqueólogo Português**. Lisboa. Série 2. 7-9, p. 113-124, 1974-1977.

QUEROL, Maria de los Angeles Fernández; BAPTISTA, António Martinho; MONTEIRO, Jorge Pinho; LEMOS, Francisco Sande. Moldes de Goma Líquida (Latex prevulcanizado) aplicados al estudo de los grabados rupestres. **Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Historicas**, 1, p. 121-124, 1975^a.

QUEROL, Maria de los Angeles Fernández; MONTEIRO, Jorge Pinho; LEMOS, Francisco Sande; GOMES, Mário Varela. El Complejo de Arte Rupestre del Tajo (Portugal). **Crónica del XIII Congreso Arqueológico Nacional**: Zaragoza: Universidad de Zaragoza, Seminario de Arqueología, 1975^b. p. 237-244.

REIS, Mário. Palaeolithic Art in Portugal and its zoomorphic figures. *In*: SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara. (Eds.). "Animals in Prehistoric Art. The Euro-Mediterranean Region and its Surroundings" **ArkeoGazte**, Revista de Arqueología, v.11, p. 19-46, 2021.

REIS, Mário. Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa. **Portvgalia**, Nova Série, vol. 35, p. 5-72, 2012.

REIS, Mário. Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (2ª parte). **Portvgalia**, Nova Série, vol. 34, p. 5-68, 2013.

REIS, Mário. Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão) **Portvgalia**, Nova Série, v. 35, p. 17-59, 2014.

REIS, Mário. Palaeolithic Art in Portugal and its zoomorphic gures. *In*: SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara. (Eds.). "Animals in Prehistoric Art. The Euro-Mediterranean Region and its Surroundings" **ArkeoGazte**, Revista de Arqueología, v.11, 273p., 2021.

RIBEIRO, Nuno Miguel da Conceição. **Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais**. Tese (Doutoramento em Historia Antigua de la Universidad de Salamanca) – Facultad de Geografía y Historia, Universidad de Salamanca. XIII Tomos, 2014.

RIBEIRO, Nuno; PEREIRA, António; JOAQUINITO, Anabela. Zoomorphic art in the open-air rock art complex of the Ceira and Alva rivers basins and adjacent Unhais River Basin - Portugal). *In*: GUIDON, Niéde; BUCO, Cris; ABREU, Mila Simões, Global Rock Art - Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO. **Fundamentos**, IX, 3, p. 803-816, 2009.

ROWLEY-CONWY, Peter. The Early Neolithic animal bones from Gruta do Caldeirão. *In*: ZILHÃO, João (Eds.) Gruta do Caldeirão. **Trabalhos de Arqueologia** 6. Lisboa: Instituto Português de Património Arquitectónico e Arqueológico, 1992. p. 231-256.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel. **Arte Rupestre: Estilo y Construcción Social del Espacio en el Noroeste de la Península Ibérica**. 2004. 394p. Tese (Doutoramento em Historia na Faculdade de Xeografía e Historia da USC) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2004.

SANTOS, Manuel Farinha dos. Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta da Escoural. **Revista de Guimarães**, n. 77(1-2), p. 18-34, 1967.

SANTOS, Filipe; SASTRE, José; FIGUEIREDO, Sofia; ROCHA, Fábio; PINHEIRO, Eulália; DIAS, Rodrigo. El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro. **Complutum**, n. 23(1), p. 165-179, 2012.

SANTOS, Ana Filipa Castanheira. **A Laje da Churra** (Paçô, Carreço, Viana do Castelo). Estudo monográfico de um lugar gravado. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2014. 126p.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sandes; MONTEIRO, Jorge Pinho; QUEROL, Maria dos los Angeles; JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira O Complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Nova de Rodão - Nisa). Notícia preliminar. **Arqueologia e História**, n. 9, n. 349-397, 1972a.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sande; MONTEIRO, Jorge Pinho; QUEROL, Maria dos los Angeles; JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira. O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo. Primeiras Hipóteses de programa de trabalhos. **O Arqueólogo Português**, III 6, p. 63-77, 1972b.

SIGARI, D. Deer and cervids in Valcamonica rock art Arkeos. **Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015** (Cáceres, Spain, 31 August - 4 September 2015), n. 37, p. 1469-7, 2015.

SIGARI, Dario; FOSSATI, Angelo. I cervidi nelle rocce - Primi risultati del progetto di ricerca sulle

raffigurazioni di cervidi nell'arte rupestre della Valcamonica. *In: Il bollettino comitato scientifico centrale periodico di divulgazione scientifica*, 2021. p. 25-42.

SILVA, António Manuel S. P.; ALVES, Lara Bacelar. Roteiro de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. *In: HIDALGO CUÑARRO, José Manuel (Coord.). Arte Rupestre prehistórica do Eixo Atlântico*. Galicia: Eixo Atlântico, 2005.p. 189-219.

STARR, Harry. Subsistence: Models and metaphors for the transition to agriculture in Northwestern Europe. *Michigan Discussions in Anthropology*, n. 15 (1), p. 7-48, 2005.

VIANA, Abel. Insculturas Rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço - Viana do Castelo, Portugal). *Separata do Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Tomo XX. Volume de homenagem à memória de D. Florentino Lopez Cuevillas, 1960. p. 209-231.

VALENTE, Maria João. Análise preliminar da fauna mamalógica do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): campanhas de 1992-1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1, 2, p. 85-96, 1998.

VALENTE, Maria João. **As últimas sociedades de caçadores-recolectores no Centro e Sul de Portugal (10.000 - 6.000 anos BP): aproveitamento dos recursos animais**. Tese (Doutoramento em Arqueologia, especialidade de Arqueologia Pré-Histórica) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, 2008. 698p.

VALDEZ-TULLETT, Joana. O Abrigo Rupestre de Foz Tua. A ampla diaconia de um espaço significativa. *In: SASTRE BLANCO, José Carlos;*

CATALÁN RAMOS, Raúl; FUENTES MELGAR, Patricia (Coord.). Arqueología en el Valle del Duero, Del Neolítico a la Antigüedad Tardía: Nuevas Perspectivas, **Actas de las primeras jornadas de jóvenes investigadores en el valle del Duero**. Madrid: La Ergastula Ediciones, 2013.

VIÑAS VALVERDÚ, Ramón; SÁNCHEZ DE TAGLE, Eduardo. Los cérvidos en el arte rupestre postpaleolítico. **Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló**, n. 21, p. 53-68, 2000.

WERNER, Alice. Bushmen Paintings. **Journal of the Royal African Society**, n. 7, p. 387-93, 1908.